

'Futrica de subalternos ameaça Governo'

JORGE MORENO

BRASÍLIA — O ex-Ministro Bernardo Cabral disse ontem que sai do Governo preocupado com o grau de "desarmonia, desconfiança e instabilidade" criados na equipe do Presidente Collor "por funcionários subalternos que se utilizam da futrica pensando estar prestando serviços à

Nação". Ele atribuiu a sua saída ao desconforto criado por esses assessores do Presidente que exploraram o episódio com a Ministra Zélia Cardoso de Mello "de forma sensacionalista" com o objetivo de vê-lo fora do Ministério.

Na primeira entrevista depois da formalização de sua demissão e antes de transmitir o cargo ao Senador Jarbas Passari-

nho, Cabral admitiu, em seu gabinete, que a divulgação de seu romance com a Ministra da Economia foi deliberadamente estimulada de dentro do Palácio do Planalto:

— O escândalo que atribuem a essa festa foi o fato de eu ter dançado com a Ministra. Mas eu não dancei só com ela.

Ele anunciou que da tribuna da Câmara,

onde reassumiu ontem o mandato de Deputado, responderá a todas as acusações de que deixou o Ministério da Justiça por ser incompetente.

Cabral, que esteve reunido de manhã com o novo Ministro, tão logo despediu-se de Passarinho, sentou pela última vez em sua cadeira de Ministro da Justiça para contar o episódio de sua saída.

O GLOBO — Por que decidiu pedir demissão?

CABRAL — O desconforto das notícias atribuídas a assessores e secretários do Palácio do Planalto foi o que me levou a isso. Os que me atacaram e plantaram notícias durante esse tempo todo se esqueceram de que não vim para o Ministério da Justiça para fazer biografia ou a prática do aulicismo. Assim como entrei, saí do Ministério com a cabeça erguida, cômico do dever cumprido e com as mãos limpas do dinheiro público.

O GLOBO — A divulgação de seu romance com a Ministra Zélia Cardoso de Mello foi decisiva para sua saída?

CABRAL — Isso é o que me causou estranheza. A publicidade que se deu à minha exoneração é que a princípio se devia a uma ligação de ordem sentimental. No entanto, o que se viu na imprensa, no domingo, foi a busca desesperada de que a minha saída é debitada a equívocos jurídicos, ao desempenho não muito convincente à frente do Ministério da Justiça. Chegou-se a registrar que o meu pedido de exoneração a mim tinha sido solicitado pelo General Agenor e a quem eu teria entregue o documento.

O GLOBO — Mas não foi isso que aconteceu? O senhor não foi chamado para a reunião matinal de segunda-feira no Palácio do Planalto. Ou isso também não é verdade?

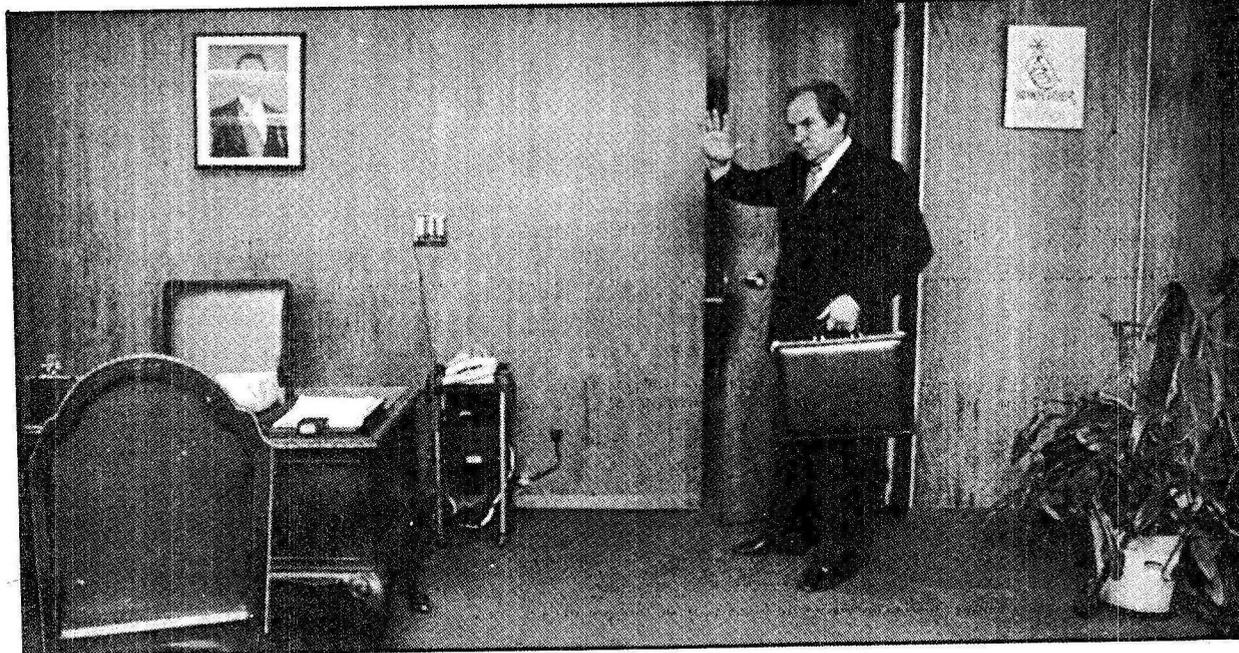
CABRAL — Eu repudio as insinuações malévolas, despropositadas e desleais com que tentam macular a figura de um Ministro de Estado. O meu pedido de demissão foi redigido no dia 5 e deixei a data em branco porque não sabia quando eu me encontraria com o Presidente. Eu não fui à reunião do dia 8 porque era feriado e o fato de o Presidente não ter me chamado a comparecer em Palácio num feriado não significou nenhum desprestígio, como também creio que nenhum Ministro que deixou de ser chamado para ir à Granja

do Torto na última reunião se sentiu desprestigiado. O meu pedido de demissão, em caráter irrevogável, foi entregue ao Presidente da República no dia 9. E ficou acertado que eu não daria divulgação por algumas circunstâncias: primeiro, a reunião do entendimento nacional que seria realizada no dia 10; segundo, permitir ao Presidente da República que escolhesse o nome do novo Ministro da Justiça sem a mais diminuta pressão; e terceiro, para que a posse e transmissão de cargo pudessem transcorrer dentro do mais absoluto padrão de dignidade, como convém a um auxiliar que só recebeu provas de atenção e cordialidade do Presidente Collor e a retribuiu com a mais profunda lealdade.

O GLOBO — Quando o Senhor foi chamado, no sábado de manhã, ao Palácio do Planalto, já sabia que o Senador Jarbas Passarinho seria seu substituto?

CABRAL — Não. Acho que nem ele sabia. O Presidente só me informou isso na hora e eu disse que a escolha tinha sido acertada. Quando eu entreguei meu pedido de demissão, a única coisa que o Presidente me disse foi que queria colocar no meu lugar um político. E acabou escolhendo um político de quem eu sou suspeito para falar porque sou amigo do Ministro Passarinho há mais de 30 anos. Quando o Presidente me disse quem era meu substituto, informou que o Senador Passarinho estava na sala ao lado e o mandou chamar. Na conversa, na frente do Senador Passarinho, o Presidente destacou o fato de eu ter ficado em silêncio o tempo todo em que era bombardeado, quando a carta de demissão já estava com ele há dias. Eu citei o caso do próprio Senador Passarinho, com quem eu tinha um encontro marcado e que, para cancelá-lo poderia fazer uma média com ele, confidenciando uma coisa que tinha ficado acertado apenas com o Presidente. E completei dizendo que não sou homem de fazer média nem com meus amigos

O GLOBO — Mas qual o peso do



Telefoto de Mino Pedrosa

“A abordagem do romance Zélia-Cabral nunca teria alcançado o sensacionalismo, se por trás dele não houvesse a intenção deliberada de me ver fora do Ministério”

Bernardo Cabral

romance entre dois Ministros de um mesmo Governo?

CABRAL — A abordagem do affair, namoro ou romance Zélia-Cabral jamais alcançaria o sensacionalismo que alcançou, se por trás dele já não houvesse a intenção deliberada de me verem fora do Ministério.

O GLOBO — Mas a festa de aniversário da Ministra foi um acontecimento que chamou a atenção da opinião pública.

CABRAL — Chamou porque havia

essa intenção deliberada de me atingir. A divulgação dessa notícia em alguns jornais — e aí faço ressalvas ao GLOBO que nunca se afastou de sua linha editorial ética — foi estimulada pelos que me queriam fora do Governo. O escândalo que atribuem a essa festa foi o fato de eu ter dançado com a Ministra. Mas eu não dancei só com ela.

O GLOBO — Porque nunca houve disposição de confirmar ou desmentir esse romance?

CABRAL — Porque o assunto foi

tratado de uma maneira que não considere revestida de ética e me recusei a tratar do assunto.

O GLOBO — Mas agora, fora do Governo, o senhor, como Deputado, e Zélia, como Ministra, continuam sendo duas personalidades públicas e o interesse popular não acaba com sua saída do Ministério. O senhor não se sente mais livre para esclarecer esse episódio, até de uma forma bastante objetiva: existe ou não existe esse romance?

CABRAL — A minha posição a respeito desse episódio continua a mesma, mesmo fora do Governo e pela mesma razão que expus anteriormente. O assunto foi tratado de forma sensacionalista e não foi revestido de qualquer ética. Antes de divulgarem o episódio, não vieram a mim perguntar se a Ministra Zélia era ou não minha namorada. Por isso é que eu me recusei e me recuso a tratar de um assunto que é de ordem inteiramente particular.

O GLOBO — O que o senhor vai dizer da tribuna da Câmara a respeito de sua saída do Ministério?

CABRAL — Pretendo contar a história que me foi atribuída, os erros jurídicos de cuja feitura eu não tenha participado para que fique registrado nos anais simplesmente a verdade.

O GLOBO — O senhor sai do Governo magoado?

CABRAL — Magoado, não. Saio preocupado. Não saio magoado porque não sou homem de guardar ressentimentos, ainda mais quando as agressões não partiram do Presidente, mas de funcionários subalternos. São funcionários menores que pensam que cultivando a desarmonia entre os integrantes do Governo estão prestando melhores serviços à Nação. Quando digo que saio preocupado é porque quando um fuxico, uma frutica e uma aleivosia atingem o titular de um Ministério, esse tipo de ação acaba contaminando aos poucos o conjunto do Governo porque cria a desarmonia, a desconfiança e a instabilidade nos funcionários hierarquicamente subordinados.

O GLOBO — Mas o próprio irmão do Presidente, Leopoldo Collor, ao comentar sua demissão disse que foram sete meses de des-serviço ao Governo.

CABRAL — Prefiro não acreditar que ele tenha dito isso. Para ser mais exato, não acredito que ele tenha dito isso.